



Uma Baleia pode ser dilacerada como uma escola de samba

Autoralidades brasileiras no cardápio cinéfilo mineiro

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

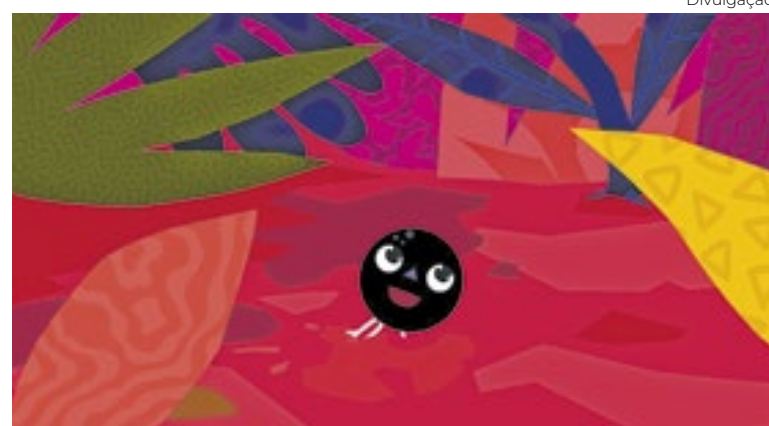
De um evento que confia sua abertura a um titã da invenção como Júlio Bressane, cineasta avesso a qualquer cinto de segurança da linguagem fílmica, não se pode esperar menos do que um cardápio plural de ousadias. Pois depois de conferir “O Fantasma da Ópera”, uma espécie de “Fantasia” (da Disney) em modo bressanista, estruturado como um ensaio sobre o Tempo no set de filmagem, a 29ª Mostra de Tiradentes cumpriu sua vocação de arregimentar curtas e longas afeitos à transgressão. Teve gira, teve investigação memorialística, teve sementes de mamão em fuga e teve até Miguel Falabella na praça. Saca só o que se viu de melhor no evento mineiro, que segue até o dia 31 de janeiro, com direito a premiação e projeção de “O Agente Secreto” seguida de debate sobre nosso futuro no Oscar.

PAPAYA, de Prsicilla Kellen: Banho de sinestesia, com um colorido lisérgico sintonizado com a musicalidade de Tulipa Ruiz, esta aventura a um só tempo ecológica e existencialista segue os rastros de um carocinho de mamão que não aceita se fincar na terra para firmar raiz e estagnar. Observando uma joaninha voar, a protagonista desta dulcíssima animação quer singrar céus, ainda que não tenha asas. Ao perceber a violência do predatismo

industrial da agricultura, ela repensa o que é liberdade. O trabalho de montagem de Elaine Steola é de uma destreza ímpar.

UMA BALEIA PODE SER DILACERADA COMO UMA ESCOLA DE SAMBA, de Marina Meliande e Felipe M. Bragança: Edson Secco brinca (à vera) de editar som alcançando uma transcendência acachapante nesta canção cinematográfica de amor e ruína que baila

no imaginário carioca. A trama deste pedacinho colorido de saudade é contada pelos olhos de um homem que se vê diante do colapso de uma agremiação carnavalesca na periferia do Rio de Janeiro. Ítalo Martins (um dos policiais filhos do delegado mau de “O Agente Secreto”) se firma como um dos atores mais potentes de nosso cinema neste filme-experimento concebido em colaboração com artistas visuais cariocas. É tudo o que Joãozinho Trinta sempre fez



Papaya



Querido Mundo

na Sapucaí... só que forma de cinema... e de confete.

VULGO JENNY, de Viviane Goulart: Coube a Goiás abrir a competição Aurora de 2026 com uma espécie de crônica de resiliências arquitetado sob um fino trabalho de luz da fotografia de Yolanda Margarida. Na trama, Jenny é uma vendedora ambulante recém-chegada em Goiânia. Enquanto espera notícias do namorado, conhece a dupla Rato e Primo, que a ajudam a se manter no setor Coimbra. Tentando sobreviver em um mundo precário, que pouco lhe oferece além das drogas e bebidas, ela esbarra com tipos que vão virar sua paz do avesso.

MAZINHO DO TROMPETE, de Mayara Mascarenhas: A delícia da seção de curtas mineiros do festival é um conto musical antigo sobre um homem obstinado em se

desenvolver como músico, abraçado a potências de trompetista. Após um dia de estudos, Mazinho sai para tocar na noite. Encantado pela sonoridade metálica e mística de seu instrumento, é guiado por encontros misteriosos que lhe revelam sinais de um caminho aberto para a realização do seu sonho. O trabalho de dramaturgia na escrita do roteiro é impecável.

PEQUENAS CRIATURAS, de Anne Pinheiro Guimarães: Cheia de compromissos com a Globo, de novela em novela, Carolina Dieckmann raramente faz cinema, mas quando se arvora a levar seu talento à telona (vide “Onde Andará Dulce Veiga?” e “O Silêncio do Céu”), a atriz encara o vale tudo (sem trocadilhos) com fome de investigação. Ela é um dos vetores que levaram esta delicada cartografia de desamparos na Brasília dos tempos